O INTRÍNSECO ENTRE PAISAGEM CULTURAL E ECOMUSEU

THE INTRINSIC BETWEEN CULTURAL LANDSCAPE AND ECOMUSEUM

Adilson Giglioli[1]; Alina Gonçalves Santiago[2;] Henrique Aniceto Kujawa[3]
1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade Meridional - IMED. adilsongiglioli@gmail.com
2 Dra. pela Universite de Paris I (Pantheon-Sorbonne/França-1995), docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade Meridional – IMED. alina.santiago@imed.edu.br
3 Orientador, Dr. Pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade Meridional – IMED. henrique.kujawa@imed.edu.br

RESUMO: Um dos principais aspectos dos ecomuseus é a sua função social, que muito vem contribuindo para a preservação da identidade, cultura e das memórias locais, com o intuito de transmitir valores e saberes às futuras gerações. Nesse ensejo, este artigo tem por objetivo construir conceitualmente uma relação entre o ecomuseu e a paisagem cultural. Como estudo de caso, foi realizado uma pesquisa acerca do Ecomuseu de Santa Cruz/RJ. Tal estudo é dividido em uma abordagem teórica acerca do conceito de ecomuseu e paisagem cultural, bem como uma apresentação do Ecomuseu em estudo. Através do estudo realizado, pode-se chegar a resultados instigantes e substanciais sobre a contribuição e a relação próxima dos ecomuseus com a preservação e sustentabilidade da paisagem cultural.

Palavras Chaves: Paisagem cultural; Ecomuseu; identidade.

ABSTRACT: One of the main aspects of ecomuseums is their social function, which has contributed a lot to the preservation of local identity, culture and memories, in order to transmit values and knowledge to future generations. In this opportunity, this article aims to conceptually build a relationship between the ecomuseum and the cultural landscape. As a case study, a research was carried out on the Santa Cruz/RJ Ecomuseum. Such study is divided into a theoretical approach about the concept of ecomuseum and cultural landscape, as well as a presentation of the Ecomuseum under study. Through the study carried out, one can arrive at instigating and substantial results on the contribution and the close relationship of ecomuseums with the preservation and sustainability of the cultural landscape.

Key words: Cultural landscape; Ecomuseum; identity.

1 INTRODUÇÃO

O fomento e as discussões sobre os ecomuseus ou a “nova museologia”, conforme foi atribuída por François Mairesse (2002), nos apresenta um cenário de emancipação da cultura popular. Esse movimento cultural social, propõem uma reflexão e um questionamento às práticas da museologia tradicional, que durante muito tempo, não abriu espaço, ou não reconheceu, a cultura popular, ou seja, as referências culturais daqueles que estavam às margens.

Nessa perspectiva, salientamos a função social do movimento dos ecomuseus, que muito contribuiu e vem contribuindo para a preservação das identidades culturais, memórias locais, gestão popular e principalmente na transmissão de valores e saberes às futuras gerações. A união desses motivos citados, configura uma breve descrição para o termo “paisagem cultural”, o que deixa explícito a relação intrínseca entre os ecomuseus e a sustentabilidade dessa paisagem cultural.

Segundo Priosti (2000), a comunidade ao redescobrir ou se auto reconhecer, contribuí para a construção da própria história, o que se releva um processo criativo e autônomo. Dessa maneira, os atores locais encontram espaço para assumir seu papel de sujeito na preservação e continuação da sua própria história e do seu território cultural.

Nessa perspectiva, o objetivo principal deste artigo é construir uma narrativa da relação do ecomuseu com a preservação da paisagem cultural. Para tanto, a pesquisa adotou como estudo de caso, a fim de exemplificar as relações que serão elucidadas, o Ecomuseu de Santa Cruz, no Rio de Janeiro/RJ, pelo fato de ter sido uns dos primeiros ecomuseus registrados no Brasil e atuante até então. Através deste estudo, almejasse aprofundar e contribuir para com o conhecimento sobre os ecomuseus e a paisagem cultural. Este trabalho é um recorte de uma dissertação de Mestrado Acadêmico em Arquitetura e Urbanismo, que tem como objeto de estudo o ecomuseu.

2 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste estudo, a metodologia adotada concentrou-se em uma pesquisa bibliográfica conceitual, e uma pesquisa documental. A pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance ao pesquisador, além de auxiliar na construção e definição de conceitos que envolvem o estudo que é proposto (GIL, 1994).

O artigo foi subdivido em dois tópicos principais. O primeiro deles, fará um aporte teórico e uma abordagem conceitual sobre “paisagem cultural” e “ecomuseu”. Para tanto, foram estudados alguns autores como; Sauer (2012), Nór (2010), Mairesse (2002), Jean Blanc (1972), Castriota (2009), entre outros. Em um segundo momento, foi estruturado um tópico direcionado a apresentar o Ecomuseu de Santa Cruz/RJ, abordando desde sua origem, organização, estrutura física e as atividades desenvolvidas junto da comunidade, para que assim, seja possível estabelecer, com base nos fatos apresentados, a relação entre ecomuseu e paisagem cultural.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A paisagem cultural é composta, em suas mais diversas formas por todas as obras realizadas pelo homem. Sauer (2012), afirma que todas as marcas do homem nessa paisagem são importantes para sua formação e características específicas, sejam vilas rurais ou aglomerados urbanos (Figura 1). Nesse sentido, podemos dizer que a paisagem cultural é conformada a partir da paisagem natural e a atuação de um grupo social, que intervém no local conforme seus aspectos culturais.

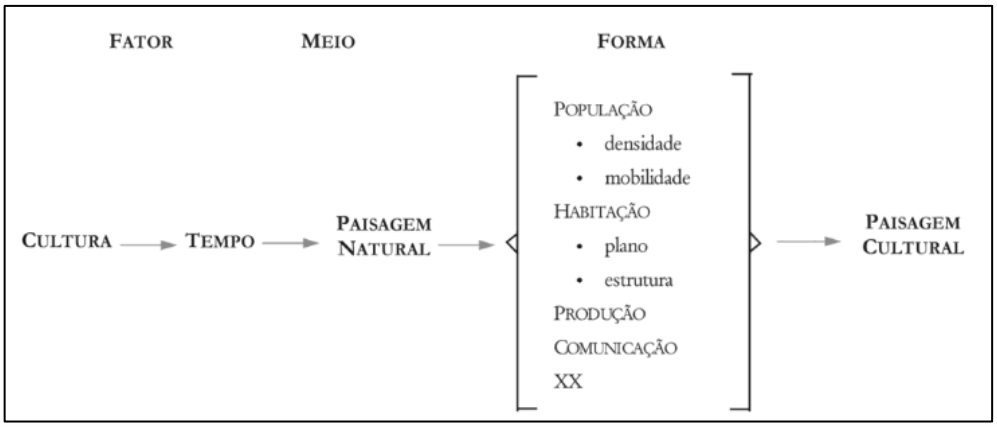

Figura 1: Diagrama de conformação da paisagem cultural. Fonte: Sauer (2012)

Sauer (2012), denomina a cultura como o agente, a área natural como o meio, e logo, a paisagem cultural como o resultado. O autor ainda argumenta que a paisagem está sob influência de determinada cultura, e essa, por sua vez, muda ao longo do tempo, assim, a paisagem apresenta um desenvolvimento, acompanhando os ciclos de transição da cultura que a domina, e a partir da introdução de uma nova cultura como agente em uma mesma paisagem, esta passa por um rejuvenescimento, ou uma nova paisagem se sobrepõe sobre a antiga.

Para Cury (2004), a paisagem cultural é formada por várias combinações de agenciamentos naturais e humanos. Ela ilustra a evolução da sociedade, seu estabelecimento e seu caráter através do tempo, dos espaços e dos valores reconhecidos em diferentes níveis territoriais. A paisagem cultural pode ser atribuída pela presença de possíveis remanescentes físicos, que podem refletir usos e atividades desenvolvidas no passado, ou experiências e tradições particulares, ou até mesmo representações literárias ou artísticas. Esses atributos podem contribuir para reforçar as características culturais de determinado espaço e contribuir para a formação de uma identidade cultural (CURY, 2004).

Corroborando com o que apresentou Carl O. Sauer, Nór (2010), argumenta que a paisagem cultural nada mais é do que a associação entre o ambiente natural e a cultura, sendo que cultura pode ser entendida como as formas de viver e de se relacionar com o entorno das mais diversas formas de sociedade. Dessa maneira, a "paisagem cultural possui um caráter dinâmico, advindo da presença humana, em interação com os seus símbolos, testemunhos históricos, ambiente natural e processos de produção de vida" (NÓR, 2010, p. 105).

O documento denominado "Recomendação da Europa" para a conservação das áreas de paisagens culturais, que foi elaborado em 1995, define paisagem cultural como sendo a maneira pela qual é percebida por um indivíduo, ou por uma comunidade, testemunhando, do passado ao presente, o relacionamento entre o homem e seu meio ambiente. Possibilitando, a partir de sua observação, especificar culturas e locais, sensibilidades, práticas, crenças e tradições. (Nór, 2010).

Fogaça (2018), aponta que no Brasil em 2007 foram escritas declarações que tratam especialmente as Paisagens Culturais. A primeira delas desenvolvida em um encontro

na cidade de Bagé/RS, a qual resultou na Carta de Bagé ou Carta das Paisagens Culturais. Já em outro encontro na cidade de Bonito, no estado do Mato Grosso do Sul, durante o Seminário Serra da Bodoquena/MS – Paisagem cultural e Geoparques foi elaborada a Carta da Serra da Bodoquena – Carta das Paisagens Culturais e Geoparques, ambas escritas em 2007.

Para Silva (2018), a paisagem cultural como instrumento de preservação do patrimônio, seja ele material ou imaterial, tem promovido recentemente a perspectiva de pôr fim à polaridade existente entre patrimônio natural e patrimônio cultural, distinguidos academicamente desde sua origem em duas categorias: de ação antrópica ou cultural e sem intervenção humana ou natural. Com base nesse novo instrumento de preservação as relações entre o natural e o cultural passaram a ser entendidas de forma indissociável, formando uma unidade dotada de valor singular (SILVA, 2018).

Delphim (2004), aborda a importância do patrimônio imaterial como parte das paisagens culturais: Na consideração constitucional do patrimônio cultural em duas vertentes, a material e a imaterial, a dimensão imaterial avalia as formas de utilização de recursos, formas de expressão, modos de criar, fazer e viver que distinguem cada grupo social e que também constituem a singularidade da paisagem cultural.

Nór (2010), acredita que vale mencionar que no âmbito patrimonial houve a preocupação de incluir a interação com o meio ambiente natural na categoria de paisagem cultural, sem qualificar cultural como o que difere do natural. A Autora ainda destaca uma demarcação mais significativa, onde a noção de patrimônio inclui a preocupação com a conservação, visto que a mesma traz em seu cerne a necessidade de proteção e realce das áreas de paisagem cultural, por serem importantes para preservar a memória de um povo e a identidade cultural das sociedades humanas.

Percebe-se que as áreas de paisagem cultural têm se convertido em recursos socioeconômicos empregados no desenvolvimento local, muitas dessas áreas tratam-se de recursos não-renováveis e seu uso deve ser planejado visando apenas preservar sua integridade e seu caráter peculiar. (CASTRIOTA, 2009).

A partir do argumento defendido por Castriota (2009), acerca de paisagem cultural e desenvolvimento local, podemos abrir a discussão sobre a relação da paisagem cultural e os ecomuseus tendo como ponto de partida a ideia apresentada por Leite (2016), o qual define os ecomuseus como ferramentas que fomentam e instigam o crescimento das comunidades locais, pois visam o engajamento ativo de seus habitantes, prezando sempre pela valorização do patrimônio cultural e contribuindo com o desenvolvimento e a paisagem local.

Nesse momento, é pertinente ao entendimento a ampliação do conhecimento, constituirmos um breve histórico quanto ao conceito dos ecomuseus. Nova museologia, museologia social ou ecomuseus, foram alguns dos termos utilizados para definir a corrente cultural que se estabelecia com vigor, por volta de 1970, na França.

Essa vertente teve como um dos precursores o museólogo François Mairesse, que ao se referenciar aos ecomuseus, os atribui o conceito de “nova museologia”

(MAIRESSE, 2002, p.33). Mairesse defende que esse movimento tinha como objetivo a “descolonização dos museus”, ou seja, buscava associar a museologia tradicional com a participação coletiva de uma comunidade, atribuindo a esse “novo museu”, as características locais, servindo assim, como uma vitrine da própria comunidade, que se via representada, de uma maneira antes nunca vista.

O ecomuseus possuem como premissa atrair o olhar dos usuários a uma cultural regional, baseada na simplicidade, no saber fazer, nas atividades de produção e dos produtos, nos indivíduos sendo observados pelos seus ofícios, assim como por exemplo, a maneira de se vestir. Acredita-se na importância de valorizar a permanência e a resistência cultural de determinada região, embasada em um espaço real e transparente, onde não haja reconstituição de ambientes com viés expositivo por si só (BARBUY, 1995).

Para Brulon (2015), o ecomuseu representou uma utopia da democratização da memória, através de um sistema museológico participativo e comunitário. O maior objetivo era o de oportunizar espaços que, raramente eram protagonistas da história da arte, para as culturas mais silenciadas e esquecidas, em qualquer escala da musealização.

O objetivo norteador do ecomuseu foi fazer com que a comunidade se torne a protagonista no processo museológico, desde a concepção de um ecomuseu até sua idealização, execução e manutenção, constituindo um sistema que dinamiza e favorece o desenvolvimento da comunidade (VARINE, 2000).

Jean Blanc (1972), definia e difundia a ideia de que ecomuseu seria um “museu do meio ambiente”, o qual funcionaria como um local de conhecimento, um conjunto de relações no espaço através do desenvolvimento histórico. Já Rivière (1983), procurava definir ecomuseu como uma escola, onde em primeiro plano estava a comunidade, que tinha o ecomuseu como o próprio espelho, dessa forma, as pessoas aprendiam com elas mesmas e reafirmavam laços com sua cultura e identidade.

Um dos grandes pontos que defendido por Varine (1992), era de que o ecomuseu era algo específico de cada local e que daquela maneira não deveria ser replicado em local algum. Para o autor, Era clara a ideia de que um ecomuseu não é um modelo a ser replicado, mas sim uma forma de museologia, que deve, acima de tudo, levar em conta as particularidades de cada local, valorizando a história e a identidade local, proporcionando o desenvolvimento, no âmbito social, cultural e econômico.

Mairesse (2002), menciona que os ecomuseus, ao longo dos anos, tiveram implantação em diversos locais do mundo, e em todas ela a maior característica é relação íntima entre a comunidade, o território e o ecomuseu. Assim, surgem as mais diversas formas de implantação dos ecomuseus, em espaços rurais, urbanos, periferias ou favelas, áreas industriais entre outros territórios distintos, reiterando que não importa o local de implantação, desde que a relação homem-ambiente seja verdadeira e recíproca.

Um dos primeiros ecomuseus que foi desenvolvido com o propósito de animação e promoção cultural foi o *Écomusée du Creusot Monteceau-les-Mines*, que conforme apresenta Brulon (2015), a ideia de criar um museu para o *Creusot* iniciou por volta

de 1970, e foi idealizado por Marcel Évrard (1921-2009), que foi um grande pesquisador e realizou expedições ao redor do mundo em busca de arte primitiva para expor em galerias e museus na França, Èvrard é conhecido no campo museal, por ter sido um dos pioneiros na organização de exposição do Musée de l'Homme.

Mairesse (2002), defendia a importância da relação entre as pessoas e o seu território, e aponta para as mais diversas experiências de ecomuseus em todo o mundo. Os ecomuseus foram inseridos nos mais diferentes territórios e realidades, como é o caso do Museu Anacostia, no subúrbio de Washington (1967), ou em uma favela, como o La Casa del Museo, na Cidade do México (1973), ou em uma região industrial em declínio como o Lecomusée du Creusot, na França (1972), ou em uma área rural, como o Haute-Beauce Ecomuseum, em Quebec (1978).

No Brasil, um dos casos de ecomuseu que se destaca na relação território e população é o Ecomuseu de Santa Cruz. Segundo Priosti (2000), pode-se perceber no movimento que se processa em Santa Cruz, uma mudança de concepção do objeto museológico. Não é mais a história simplesmente contada através de seu patrimônio e estudada nas pesquisas, mas o próprio presente, a própria relação e mobilização comunitária, onde essa comunidade parte do sentido da valorização que dá a determinado fato/objeto para produzir o próprio acontecimento, tendo como pilar a vontade de fazê-lo.

Priosti (2000), argumenta que essas relações comunitárias, no objeto da Museologia, produzem, ao mesmo tempo, um novo sujeito coletivo que escolhe o que deve ganhar visibilidade ou tornar-se invisível, ou seja, é a própria comunidade a gestora de sua memória, é ela quem direciona o seu desenvolvimento. Sendo assim, o artigo a partir do próximo tópico, irá deter-se em reconstruir a trajetória do Ecomuseu de Santa Cruz, com o intuito de compreender a relação do ecomuseu com a manutenção da paisagem cultural.

4 O ECOMUSEU DE SANTA CRUZ/RJ

O Ecomuseu de Santa Cruz ou Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro de Santa Cruz, como também é chamado, teve seu surgimento datado no ano de 1992, ainda como um grupo de trabalho que, tinha como objetivo a conformação de um museu comunitário. Segundo Souza (1999), esse grupo de trabalho interdisciplinar, formado por museólogos, fotógrafos, economista, arquitetos, geógrafos, poetas e professores de história, francês, inglês e de língua portuguesa foi responsável por organizar a programação do almejado museu comunitário, dando assim, início ao processo de reconhecimento e catalogação da comunidade da Vila Operária do Matadouro.

O ecomuseu de Santa Cruz foi criado a partir do trabalho e da prosperidade do NOPH (Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica). Através do NOPH, Santa Cruz viu sua história ser reconhecida local, nacional e internacionalmente, num processo evolutivo que levou à criação do ecomuseu. O NOPH foi fundado em agosto de 1983, e se tratava de uma organização voltada para a divulgação da história local (SOUZA, 2005).

Quanto à sua localização, o ecomuseu está estabelecido no bairro de Santa Cruz, na zona oeste do Rio de Janeiro/RJ, com uma área total de cerca de 125 km² de extensão, ou seja, próximo a 10 % da área total da cidade. De acordo com os dados do Censo de 2010 (IBGE), Santa Cruz possui uma população de 217.333 habitantes.

Atualmente o ecomuseu é formado por locais históricos, expressões e movimentos culturais do bairro, tendo por missão preservar e valorizar o patrimônio cultural. Na imagem a seguir (Figura 2), é possível ver uma representação gráfica do conjunto do ecomuseu de Santa Cruz, que é formado por um percurso de edifícios históricos, que além de sua importância no aspecto material, preservam memórias e manifestações populares, que auxiliam a constituir o patrimônio imaterial local.

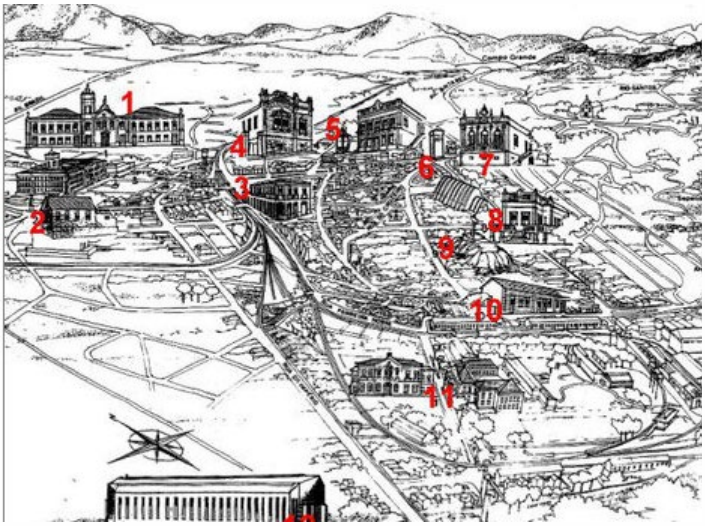

Figura 2: Representação Gráfica do conjunto do Ecomuseu de Santa Cruz/RJ. Fonte: O Antigo Santa Cruz (2018)

Engemann (2002), afirma que historicamente, as terras que hoje formam o bairro de Santa Cruz foram habitadas, até o século XVI, predominantemente por índios tupinambás, e mais tarde, por volta do ano de 1589 os padres Jesuítas passaram a ocupar o território instalando nele a Fazenda de Santa Cruz, onde produziam alimentos como feijão, mandioca, cacau, açúcar, farinha e arroz, além de possuir uma vasta criação de gado e demais animais para consumo (Figura 3).

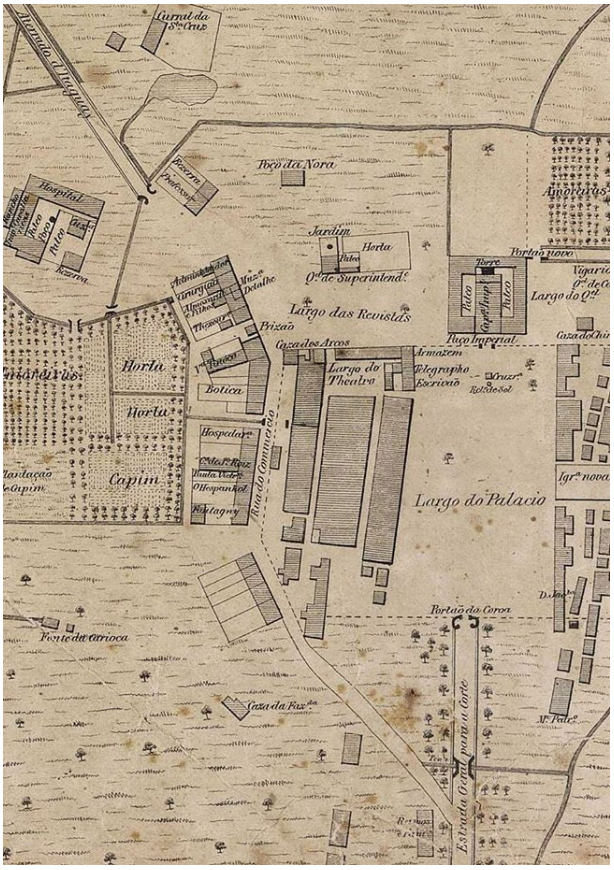

Figura 3: Planta da Fazenda de Santa Cruz. Fonte: O Antigo Santa Cruz (2018)

O Matadouro Imperial de Santa Cruz, que foi inaugurado em 1881, foi responsável por um período de esplendor econômico bairro de Santa Cruz, localizado na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, tornando-o um centro de movimentação comercial e contribuindo para a ocupação da região (FARIA E ALMEIDA, 2016).

Souza (1999), afirma que houve um intenso trabalho para a criação do Ecomuseu de Santa Cruz, como uma forma de trazer desenvolvimento e infraestrutura para o bairro, visto que ali existe um acervo patrimonial de grande valor, como o Casario de Santa Cruz, hoje sede do Centro Cultural do Matadouro (Figura 4). O autor ainda saliente que tem se desenvolvido um trabalho bastante intenso com a comunidade daquela região, voltado à valorização das atividades culturais, como festas e celebrações.

Figura 4: Casario de Santa Cruz: Fonte: O Antigo Santa Cruz (2018)

Souza (1999), destaca que o grupo se preocupou coma criação de uma identidade visual para o ecomuseu, sendo esta desenvolvida pelo artista plástico Oswaldo de Andrade Lioi, que buscou destacar a fachada do antigo palacete do Matadouro, acompanhado de duas palmeiras reais e a inscrição do Ecomuseu (Figura 5). A natureza, a cultura e a história estavam iconograficamente representadas naquele logotipo que simbolizava os oikos, no sentido de casa ou da totalidade, como também o mouseion, compreendido na definição científica de uma coleção de coisas, sob o ponto de vista histórico e científico (SOUZA, 1999).

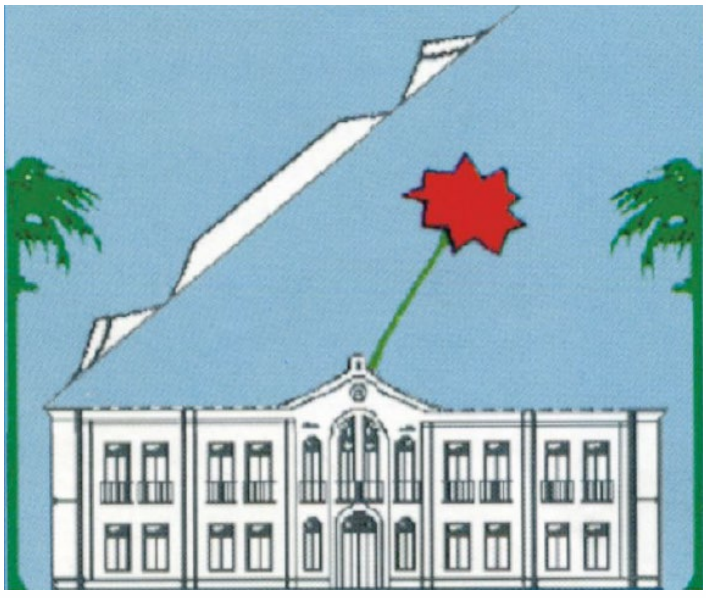

Figura 5: Logomarca do Ecomuseu de Santa Cruz desenvolvida por Lioi. Fonte: Anais do II Encontro Internacional de Ecomuseus (2000)

De acordo com informações existentes no site oficial do Ecomuseu de Santa Cruz, Entre 1992 e 1995 iniciaram as discussões e trâmites burocráticos para a criação do museu, onde no dia 1º de setembro de 1995, foi sancionada a Lei Municipal n.º 2.354, que cria oficialmente o primeiro ecomuseu carioca, com o nome de Ecomuseu do

Quarteirão Cultural do Matadouro de Santa Cruz. O museu comunitário estendeu-se por todo o bairro, totalizando uma área de cerca de 125 km² e estruturando-se a partir de sete núcleos. O Ecomuseu de Santa Cruz, como passou a ser mais conhecido, se estrutura plenamente, desenvolvendo diversas atividades relacionadas ao bairro e sua população (Ecomuseu de Santa Cruz, 2015).

O ecomuseu inicia-se no quarteirão do Matadouro, sendo assim o núcleo inicial do ecomuseu, e foi a maior influência para definir o nome do museu comunitário. A planta baixa da área onde ficava situado o prédio do Centro Cultural do bairro e o conjunto da vila operário do Matadouro conformavam a paisagem do local, e servia como uma experiência laboratorial das exposições itinerantes denominadas Tendal[1] (SOUZA, 1999).

> O Tendal foi uma experiência museográfica que contribuiu de forma significativa para a consolidação do museu comunitário de Santa Cruz. Assim como a carne, a exposição (Tendal) é pendurada em cordas de nylon, com pregadores de roupa, informalmente. O material é basicamente composto por fotografias e pequenos relatórios. Desta maneira simples e simpática, o povo que passa pelo local participa da mostra, muitas das vezes, reconhecendo-se, pois, todas as exposições são fotografadas e o novo acervo é logo somado ao anterior" (SOUZA, 1999, p. 166).

Souza (1999), acredita que com o Tendal do Quarteirão do Matadouro de Santa Cruz, puderam desenvolver a teoria e a prática da construção do museu comunitário, onde os visitantes desempenhavam o papel de protagonistas, atendendo de forma plena os princípios da museologia popular defendida pelos ecomuseus. O autor ainda argumenta que a exposição teve o mérito principal de mostrar a comunidade como parceira do projeto do Ecomuseu e a mobilização dos autores locais ajudaria a descobrir os problemas e a busca de soluções na própria comunidade.

Observa-se que a museologia das exposições do Tendal pode ser configurada como uma experiência que contribuiu para uma nova alternativa museológica, onde os visitantes das exposições, de meros espectadores, se transformavam em sujeitos ativos e conscientes de seus interesses e necessidades, bem como da função que o museu deve desempenhar na sociedade (Figura 6).

[1] Tendal é uma espécie de varal utilizado para preparar carne destinada ao charque, o qual segundo Souza (1999), era utilizado pelo Matadouro, assim, a cena do preparado carne no Tendal era muito familiar à população.

Figura 6: Exposição do Tendal. Fonte: Ecomuseu de Santa Cruz (2015)

Além da exposição do Tendal, o ecomuseu mantém outras duas exposições itinerantes, a Exposição nos Trilhos da Liberdade, que percorre escolas e instituições culturais de bairros da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Segundo Carvalho (2015), esta exposição tem por objetivo comemorar os 140 anos de inauguração das estações ferroviárias de Campo Grande e Santa Cruz e os 130 anos da abolição de escravidão, ressaltando a importância do patrimônio material do território de Santa Cruz, facilitando, assim, sua integração no desenvolvimento da identidade cultural.

Outra exposição itinerante é a “Ecomuseu Itinerante: um percurso multimídia em Santa Cruz” faz parte do Programa de Exposições do Ecomuseu de Santa Cruz. Carvalho (2015), explica que compõem a exposição imagens recriadas digitalmente de alguns bens do território musealizado. Estas imagens são feitas com técnicas sofisticadas de computação gráfica e softwares de ilustração digital que permitem recriar, com riqueza de detalhes, cenas locais importantes para a história e identidade dos moradores do bairro. Carvalho ainda salienta que:

> Por meio desta atividade, este museu fomenta a valorização da história local, a identificação, no território musealizado, de parte dos bens patrimonializados do bairro e o reforço das relações identitárias dos moradores locais (CARVALHO, 2015).

Priosti (2006), afirma que o Ecomuseu de Santa Cruz é um espaço de relações entre a comunidade e seu ambiente natural e cultural, onde se desenvolvem, através das ações de iniciativa comunitária, um processo pedagógico de patrimonialização, apropriação e de transmissão e cuidado do patrimônio comum para o futuro. A partir dessa prática, a comunidade se conscientiza do seu papel e responsabilidade com o patrimônio, usando-o como um dos recursos para o desenvolvimento social e cultural.

Fazem parte da consolidação do ecomuseu edificações de cunho patrimonial, prédios que tiveram importância na história do bairro de Santa Cruz/RJ, e hoje contribuem para consolidar a paisagem cultural local. Segundo Queiroz (2016), um desses bens patrimoniais é o Palacete Princesa Isabel. Esta possui referências do estilo

neoclássico que foi sede Administrativa do Matadouro da Fazenda Santa Cruz, e atualmente é sede do NOPH (Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz), Ecomuseu de Santa Cruz, Centro Cultural Municipal Antônio Nicolau Jorge e Biblioteca Popular Joaquim Nabuco (Figura 7).

Figura 7: Palacete Princesa Isabel. Fonte: Heloísa Helena Queiroz (2016)

Outra importante edificação que possui destaque tanto na paisagem como na história de Santa Cruz, é o antigo Convento dos Jesuítas e depois a sede da Fazenda Santa Cruz. Queiroz (2016) aponta que além destas atribuições, de 1809 até 1889 o conjunto foi usado por membros da família real e atualmente a edificação abriga o Batalhão Escola de Engenharia Villagrán Cabrita (Figura 8).

Figura 8: Convento dos Jesuítas, atual Batalhão Escola de Engenharia Villagrán Cabrita. Fonte: Heloísa Helena Queiroz (2016)

O Hangar do Zeppelin e Base Aérea de Santa Cruz também conforma a paisagem do colocar e auxilia a manter viva uma série de memórias. De acordo com Queiroz (2016), o hangar foi fundado em 26 de dezembro de 1936 e que era responsável pelas operações de voo de dirigíveis entre Frankfurt e Rio de Janeiro. Em 1942, o aeroporto deu origem à Base Aérea de Santa Cruz. O imóvel foi tombado pelo Iphan em 1998,

e é um dos últimos hangares para dirigíveis no mundo. Sua estética construtiva está relacionada ao Art Déco (Figura 9).

Figura 9: Hangar Zeppelin. Fonte: Heloísa Helena Queiroz (2016)

O conjunto do Ecomuseu de Santa Cruz ainda conta com outras edificações históricas, como as Ruínas do antigo Matadouro de Santa Cruz. Costa (2017), afirma que atualmente, neste local, funciona uma escola técnica, que oferece ensino médio e cursos profissionalizantes para a comunidade. Segundo o autor, esta edificação representa aquele que foi um dos maiores fatores econômicos de Santa Cruz (Figura 10). Podemos destacar que ao analisar as ocupações, o ecomuseu se apropria dos espaços históricos, atribuindo novos usos, o que auxilia na preservação da memória e da paisagem cultural.

Figura 10: Ruínas do antigo Matadouro de Santa Cruz. Fonte: Edite Moraes da Costa (2017)

PASSO FUNDO
Rua Senador Pinheiro, 304 - 99070-220
PORTO ALEGRE
Rua Dona Laura, 1020 - 90430-090

A ponte dos Jesuítas é outro exemplar da época, Almeida (2019), conta que a ponte é considerada a mais importante obra de engenharia brasileira do século XVIII. A Ponte dos Jesuítas, tombada pelo Iphan em 1938, foi construída por religiosos como parte de um sistema complexo de drenagem e irrigação da Fazenda Santa Cruz (Figura 11). A autora contextualiza dizendo que a ponte possui quatro arcos constituídos por rochas e cantarias, e que dois dos arcos eram dotados de comportas de ferro.

Figura 11: Ponte dos Jesuítas. Fonte: Soraya Almeida (2019)

Os projetos desenvolvidos pelo ecomuseu visam a comunidade jovem em uma corrente de alfabetização patrimonial da região, assim, o ecomuseu de Santa Cruz possui parcerias com as escolas locais, buscando auxiliar a comunidade a entender e reconhecer seu território, criando vínculos e aproximando a comunidade com as atividades desenvolvidas pelo museu comunitário (PRIOSTI, 2008).

Atualmente o Ecomuseu de Santa Cruz desenvolve uma diversidade de atividades, por meio de seu Programa Educativo e Cultural. Essas atividades estão relacionadas e destinadas a diversos públicos de faixas etárias distintas. Todas as atividades educativas estão direcionadas a proporcionar um aprimoramento na relação entre a comunidade de Santa Cruz e o patrimônio local, tornando assim o ecomuseu ativo e próximo a população, criando um ele entre a instituição e a comunidade, que mantém ativa sua participação na estruturação e preservação do patrimônio local.

A fim de atingir um número ainda maior de visitantes e simpatizantes do ecomuseu, a instituição mantém 4 exposições virtuais, com temáticas diferenciadas. De acordo com Carvalho (2015), fazem parte do acervo digital as exposições: Matadouro de Santa Cruz: Histórias, Desenvolvimento e atuação; Ecomuseu de Santa Cruz: 20 anos valorizando um bairro Carioca; Fazenda de Santa Cruz e suas fases históricas e a quarta é: Nos trilhos da Liberdade. Juntamente com o acervo de bens patrimoniais, as exposições itinerantes e as exposições virtuais, o ecomuseu consegue atingir um público diversificado, que pode, mesmo de longe, conhecer a história do bairro e seu patrimônio material e imaterial.

Atualmente os ecomuseus ou museus comunitários possuem um papel significativo no tempo e no espaço, tornando-se agentes ativos de participação da comunidade em relação a preservação do seu patrimônio total e integral para os anos futuros, mantendo vivas as suas características e peculiaridades, que juntas formam a identidade da paisagem, contribuindo com a sua manutenção e a criação de um elo social, permitindo que as pessoas criem um sentimento de pertencimento com o seu território.

Para Varine (2013), a vitalidade do patrimônio está diretamente relacionada a apropriação dos moradores da localidade e a sua participação como detentores desse patrimônio, podendo, do contrário, perder as características que vinculam os moradores ao patrimônio. O esfacelamento do traço identitário por consequência da apropriação e codificação produzida pelos agentes especializados externos à população.

Scheiner (2000), acredita que a paisagem cultural do contemporâneo se caracteriza pela complexidade, pelo movimento e pela fragmentação, onde o real e identidades são percebidas de forma fragmentária, por um sujeito em processo, gerador de sentidos múltiplos. Essa atual construção da paisagem cultural, demostra um cenário complexo, carregado de informações e características, resultado de um mundo cada vez mais cosmopolita, que se modifica dia após dia, assim a paisagem cultural deve englobar e acompanhar essas transformações.

5 CONCLUSÕES

Após a contextualização sobre paisagem cultural, ecomuseus e o breve histórico do Ecomuseu de Santa Cruz, podemos atribuir que a relação existente entre o ecomuseu e a sua paisagem cultural, pode ser entendida como íntima e essencial. Essa concepção de relação intrínseca pode ser representada pelo fato que de o ecomuseu a âmbito geral reconhece e valoriza a história local, ou seja, as pessoas, o patrimônio, o saber fazer e as transformações no tempo, o que de certa forma, se caracteriza como o cenário estudado que é entendido como paisagem cultural.

Se temos o ecomuseu de Santa Cruz como um parâmetro, e considerando que; o movimento dos ecomuseus, independente do seu local de implantação, procura desenvolver e promover a cultura e o patrimônio da comunidade local, podemos afirmar que as atividades desenvolvidas por essas instituições possuem uma ligação histórica e de emancipação com seu território. Na perspectiva histórica, lembremos que o movimento da museologia social foi estabelecido justamente com o propósito de fomentar e reconhecer aquelas culturas que estavam às margens, e que não tinham ou não se encaixavam na chamada “museologia tradicional”.

No caso do Ecomuseu em estudo, acreditamos que a paisagem cultural do seu território vem sendo preservada e construída no dia-a-dia juntamente com a comunidade, que é a protagonista da sua própria exposição. Dessa maneira, as atividades educacionais e recreativas desenvolvidas pela instituição, podem ser caracterizadas como um elo de ligação e interação entre a comunidade e a sua paisagem cultural. Essas dinâmicas socias faz com que o passado esteja associado ao presente, o que pode contribuir e assegurar o desenvolvimento cultural no futuro.

Um aspecto relevante a ser considerado, é o modo de atuação do Ecomuseu de Santa Cruz através das exposições itinerárias, em especial a do Tendal. Essa dinâmica junta à comunidade ultrapassa o senso histórico, e coloca em pauta e apreciação o presente, a relação da comunidade com a sua paisagem cultural, da qual ela mesmo faz parte. Esse modo de atuação do ecomuseu, faz com que junto ao passado, os acontecimentos contemporâneos vão se somando e formando camadas que irão compor a paisagem cultural.

Através dessas práticas, centra-se na vida comunitária a museologia popular, aberta a quem queira dela participar. Nesta perspectiva, onde se considera que a atuação do homem é parte importante da paisagem cultural, todos podem contribuir com seu aporte para a revitalização de uma tradição e o fortalecimento de uma comunidade.

Por fim, podemos considerar que os ecomuseus, de uma maneira geral, são instrumentos que contribuem com a manutenção da paisagem cultural, visto que são mecanismos ativos na mobilização e educação patrimonial, pois possuem um olhar cuidados da paisagem. Juntamente com a comunidade local e os visitantes do território, contempla-se uma visão holística do local, da história e da população, compreendendo assim tudo o que auxilia na construção da paisagem natural ou cultural e do patrimônio tangível ou intangível.

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Fundação Meridional pelas auxílio PROSUP concedido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Soraya. Ponte dos Jesuítas, Rio de Janeiro (RJ): uma análise de seus elementos com base na integração de registros textuais, iconográficos e pictográficos. **Anais do Museu Paulista**: História e Cultura Material, São Paulo, v. 27, 2019.

BARBUY, Heloisa. A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise. **Anais do Museu Paulista**: História e Cultural Material, São Paulo, v. 3, p.209-236, 1995.

BRULON, Bruno. A invenção do ecomuseu: O caso do Écomusé du Creusot Montceau-Les-Mines e a prática da museologia experimental. **Mana:** Estudos de antropologia social, Rio de Janeiro, v. 2, n. 21, p.267-295, 2015.

CARVALHO, Felipe. **ECOMUSEU DE SANTA CRUZ:** Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: <http://www.ecomuseusantacruz.com.br/sobre/creditos>. Acesso em: 18 jun. 2020.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio Cultural:** Conceitos, Políticas, Instrumentos. São Paulo: Annablume, 2009. 380 p.

COSTA, Edite Moraes da. **Do boi só não se aproveita o berro!** O comércio das carnes verdes e a transformação socioeconômica da Imperial Fazenda de Santa Cruz com a construção do Matadouro Industrial (1870-1890). 2017. 160 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017.

CURY, Isabelle (Org.). **Cartas patrimoniais.** 3a. Edição rev. aum. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura**. O Patrimônio Natural do Brasil**. Rio de Janeiro, 2004. 20p. Disponível em: Acesso em: 22 nov. 2019.

ECOMUSEU DE SANTA CRUZ: HISTÓRIA. 2015. Disponível em: <http://www.ecomuseusantacruz.com.br/sobre/ecomuseu_de_santa_cruz>. Acesso em: 15 jun. 2020.

ENGEMANN, Carlos. **Os Servos de santo Inácio a serviço do Imperador**: Demografia e relações sociais entre a escravaria da Real Fazenda de Santa Cruz, RJ. (1790- 1820). 2002. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

FARIA, Luciana Araujo; ALMEIDA, Soraya. ROCHAS DO MATADOURO IMPERIAL DE SANTA CRUZ, RIO DE JANEIRO: Pedras que revelam o passado histórico e geológico. In: Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, 15., 2016, Florianópolis. **Anais Eletrônicos do 15º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia.** Florianópolis: 2016. p. 1 - 6.

FOGAÇA, Paula. **Patrimônio e Paisagem Cultural:** A imigração italiana em Veranópolis/RS - Brasil. 2019. 275 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Escola Politécnica, Faculdade Meridional, Passo Fundo, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 1994.

LEITE, Pedro Pereira. **DOCUMENTO ESTRATÉGICO DOS ECOMUSEUS ITALIANOS**. Estudos Informal de Museologia. Lisboa: Marca D 'Água: Publicações e Projetos, v. 13, 2016.

MAIRESSE, François. **La belle histoire, aux origines de la nouvelle meséologie.** Publics & Musées: Revue Internationale de Muséologie, Paris, p.33-56, 2002.

NÓR, Soraya. **PAISAGEM E LUGAR COMO REFERÊNCIAS CULTURAIS RIBEIRÃO DA ILHA - FLORIANÓPOLIS.** 2010. 229 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

PASSO FUNDO
Rua Senador Pinheiro, 304 - 99070-220
PORTO ALEGRE
Rua Dona Laura, 1020 - 90430-090

PRIOSTI, Odalice M. ECOMUSEU DO QUARTEIRÃO CULTURAL DO MATADOURO: Território de memória e instrumento da comunidade. In: II Encontro Internacional de Ecomuseus, 2., 2000, Rio de Janeiro. **Anais do II Encontro Internacional de Ecomuseus / IX Encontro Anual do Subcomitê Regional do ICOFOM para a América Latina e o Caribe - ICOFOM LAM.** Rio de Janeiro: Tacnet Cultural Ltda, 2000. p. 146 - 154.

PRIOSTI, Odalice M. In: MAGALDI, Monique Batista. O Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro de Santa Cruz: estrutura e propostas. **Revista Eletrônica Jovem Museologia**, Rio de Janeiro, p.56-74, 2006.

QUEIROZ, Heloísa Helena. **Inventário Preliminar de Bens Musealizados:** Patrimônio Tangível. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 2016. 45 p.

REVIÉRE, Georges Henri. **Définition évolutive de l'écomusée**. *Ecomusée informations de la Communauté Le Creusot Montceau les Mines*, Le Creusot, n.8, p.1, 1983.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural:** uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 181-218.

SCHEINER, Tereza Cristina. MUSEOLOGIA, IDENTIDADES, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: estratégias discursivas. In: II Encontro Internacional de Ecomuseus, 2., 2000, Rio de Janeiro. **Anais do II Encontro Internacional de Ecomuseus / IX Encontro Anual do Subcomitê Regional do ICOFOM para a América Latina e o Caribe - ICOFOM LAM.** Rio de Janeiro: Tacnet Cultural Ltda, 2000. p. 46 - 56.

SILVA, Fabrício Rocha da. A PAISAGEM CULTURAL E OS CONFLITO ENTRE O "NATURAL" E O "CULTURAL": Um estudo de caso no núcleo Histórico Urbano do Alto Paraguaçu. **Cadernos Naui**, Florianópolis, v. 7, n. 12, p.40-58, 2018.

SOUZA, Antonio Nascimento. **MEMÓRIA E HISTÓRIA POLÍTICA DE SATA CRUZ:** Vista através dos pequenos jornais de bairro. Instituto Municipal de Arte e Cultura – RIO ARTE, Rio de Janeiro/RJ: 2005. p. 139.

SOUZA, Sinvaldo do Nascimento. **As origens do Ecomuseu de Santa Cruz – Rio – Brasil**: A Museografia do Tendal. In: ICOFOM LAM 99, 3., 199, Coro, Venezuela: Icofom, 1999. p. 165 - 167.

VARINE, Hugues de. **As Raízes do Futuro:** O Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local. Tradução de Maria de Loudes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianitz, 2013.

VARINE, Hugues de. La place du Musée Communautaire dans les stratégies de développement. In: II Encontro Internacional de Ecomuseus, 2000, Rio de Janeiro. **Anais do II Encontro Internacional de Ecomuseus / IX Encontro Anual**

do Subcomitê Regional do ICOFOM para a América Latina e o Caribe - ICOFOM LAM. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural Ltda, 2000. p. 57 - 62.

VARINE, Hugues de. Ecomuseu: A experiência Europeia. In: I Encontro Internacional de Ecomuseus, 1., 1992, Rio de Janeiro. **Anais do I Encontro Internacional de Ecomuseus.** Rio de Janeiro: Printel, 1992. p. 273 - 300.

PASSO FUNDO
Rua Senador Pinheiro, 304 - 99070-220
PORTO ALEGRE
Rua Dona Laura, 1020 - 90430-090